



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ABORDAGEM COMUNICATIVA

Dilma Prata Conserva; Dr^a Vaneide Lima Silva

*Faculdades Integradas de Patos –FIP- dconserva@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba -UEPB -
vaneidel@uol.com.br*

RESUMO

A abordagem comunicativa tem revolucionado o ensino de idiomas e proporcionado a este, novos caminhos e possibilidades de uma aprendizagem real e expressiva, capaz de condicionar a aquisição da competência comunicativa por meio da interação e de situações reais. Este trabalho tem o intuito de mostrar a proposta comunicativa para o ensino de idiomas, abordando seus conceitos teóricos básicos, o papel do docente e discente na visão comunicativa e os procedimentos práticos dessa abordagem, bem como visa contribuir para a práxis de todos os envolvidos e comprometidos com o ensino de línguas estrangeiras. Esta pesquisa é de cunho bibliográfico e a ancoragem teórica que fundamenta o entendimento de abordagem comunicativa encontra esteio nas obras de Richards e Rodgers, Almeida Filho além de outros pesquisadores.

PALAVRAS – CHAVE - abordagem comunicativa, ensino de línguas, competência comunicativa.

1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem em língua estrangeira tem passado por grandes transformações ao longo dos anos. Entre essas mudanças podemos citar a visão do principal objetivo do ensino de línguas, que é capacitar o aprendiz a se comunicar de maneira competente. Fugindo dos métodos mecânicos e tradicionais que pouco oferece ao aprendiz, voltado apenas ao ensino linear, cujo foco é o conhecimento do léxico e de normas gramaticais.

A abordagem comunicativa surgiu com uma proposta inovadora para o ensino de idiomas. Defendendo um modelo de ensino totalmente voltado às necessidades do aprendiz, com o professor e aluno assumindo um novo papel e um ambiente de ensino aprendizagem propício à aquisição do idioma alvo a fim de torna-lo um comunicador competente.

Este artigo intenciona mostrar introdutoriamente as propostas apresentadas pelo movimento comunicativo a fim de contribuir efetivamente com os professores envolvidos no ensino de línguas e preocupados em oferecer aos seus alunos a oportunidade de desenvolver suas habilidades linguísticas.



Este é um estudo de cunho bibliográfico e fundamentou-se em aspectos teóricos sobre a abordagem comunicativa no qual se encontram contribuições de RICHARDS E RODGERS (2001), ALMEIDA FILHO (2010, 2011) e outros.

2 ABORDAGEM COMUNICATIVA: conceito e objetivos

O Ensino Comunicativo de Línguas Estrangeiras – ECLE também chamado de *Communicative Language Teaching – CLT* ou ainda Abordagem comunicativa cresceu por volta das décadas de 70 e 80 do século XX motivado pela crescente demanda por métodos de ensino de línguas mais eficazes. Surgiu como uma forte reação contra o audiolingualismo, fazendo com que os demais métodos caíssem em desuso e com que a metodologia e o programa de estudo do Ensino de Inglês passassem então por mudanças. Richards (2006, p. 14) afirma que,

Embora a competência gramatical fosse necessária para a produção de sentenças gramaticalmente corretas, a atenção se voltou ao conhecimento e às habilidades necessárias para usar a gramática e outros aspectos linguísticos de maneira apropriada para diferentes finalidades comunicativas como, por exemplo, fazer solicitações, dar conselhos, sugestões, descrever vontades e necessidades e assim por diante. O que era necessário a fim de usar a linguagem de modo comunicativo era a competência comunicativa.

Entendeu-se que a comunicação se entendida como um todo, e não apenas como fala, requeria mais que o conhecimento de regras, mesmo que de uma forma aprofundada e correta. Professores e linguistas perceberam que os alunos eram capazes de produzir sentenças gramaticalmente corretas muitas vezes, mas pouco as utilizava em situações realmente comunicativas e reais fora da sala de aula.

O objetivo do ensino comunicativo é desenvolver a “competência comunicativa”¹, conceito desenvolvido por Hymes² (1972, *apud* RICHARDS AND RODGERS, 2001, p.159, tradução nossa) que objetivava contrastar uma visão comunicativa de línguas com a teoria de competência de Chomsky. Para Chomsky a teoria linguística tinha como foco as habilidades que capacitam um falante da língua estrangeira produzir sentenças gramaticalmente corretas, enquanto a visão de Hymes era de que a competência comunicativa ia além do conhecimento linguístico, ou

¹ communicative competence

² Hymes, D. (1972). On communicative competence. In J.B.Pride and J. Holmes (eds), *Sociolinguistics*. Hamondsworth: Penguin. 269-293. SNI In: Richards, Jack C.; Rodgers, Theodore S. (2001) *Approaches and methods in Language Teaching*. Second Edition. New York: Cambridge University Press.



seja, ao adquirir a competência comunicativa o indivíduo também adquiriria o conhecimento e habilidade para usar a língua.

Para alguns teóricos do CLT, como Brumfit and Johnson³ (1979) e Savignon (1983, *apud* RICHARDS AND RODGERS, p.159-160 tradução nossa) a teoria de Halliday sobre funções da linguagem complementa a visão de Hymes. Outro linguista bastante citado é Windowson⁴ (1978, *apud* RICHARDS AND RODGERS, p.160) que se destacou pela sua visão a respeito da relação entre o sistema linguístico e seus valores comunicativos no texto e discurso. Para ele a comunicação é o uso da língua para diferentes propósitos.

De acordo com Canale e Swain⁵ (1980, *apud* PIRES, 1997, p. 61) a competência comunicativa apresenta-se em quatro dimensões:

- **Competência sociolinguística** (*Sociolinguistic competence*), produção e compreensão adequada da língua em contextos sociolinguísticos diferentes, os quais dependem de fatores contextuais como *status* dos participantes, propósito da interação e normas ou convenções de interações.
- **Competência discursiva** (*Discourse competence*), capacidade de combinar formas gramaticais e significados para alcançar um texto unificado, escrito ou falado, em diferentes gêneros. Ou seja, é a capacidade de elaborar um discurso coeso e coerente.
- **Competência gramatical** (*Grammatical competence*), domínio do código linguístico verbal ou não verbal. São regras e características da língua: vocabulário, formação de palavras, formação de períodos, pronúncia, ortografia e semântica.
- **Competência estratégica** (*Strategic competence*), habilidade de ter atitudes estratégicas para compensar problemas de comunicação, tanto por falta de conhecimento linguístico como de alguma ideia (esquecimento momentâneo, por exemplo) que queira expressar num determinado momento.

³ Brumfit, C.J., and K. Johnson (eds) 1979. *The communicative Approach to Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press. SNI In: Richards, Jack C.; Rodgers, Theodore S. (2001) *Approaches and methods in Language Teaching*. Second Edition. New York: Cambridge University Press.

⁴ Widdowson, H. G. (1978). *Teaching Language as Communication*. Oxford: Oxford University Press. SNI In: Richards, Jack C.; Rodgers, Theodore S. (2001) *Approaches and methods in Language Teaching*. Second Edition. New York: Cambridge University Press.

⁵ Canale, M. & Swain, M. (1980). *Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing*. *Journal of Applied Linguistics*. v. 1, 1-47. SNI In: Pires, Edvalda A. (1997) *Texto: a gramática no ensino de língua estrangeira: de Sweet à abordagem comunicativa*. In: In: Celani, Maria Antonieta Alba; Lopes, Amalia de Melo, et al. (org) In: Celani, Maria Antonieta Alba; Lopes, Amalia de Melo, et al. (org) *Ensino de segunda língua: redescobrimo as origens*. São Paulo: EDUC. *Ensino de segunda língua: redescobrimo as origens*. São Paulo: EDUC.



Fica claro, portanto, que a competência comunicativa vai além do conhecimento linguístico que o indivíduo pode ter, é entender a língua e usá-la adequadamente nos mais variados contextos e situações da vida real.

A competência comunicativa assumiu um papel importante e entendeu-se que o objetivo do ensino de idiomas era desenvolver esta habilidade no aprendiz e não a competência gramatical. Mudanças então eram necessárias no programa de estudo e, de acordo com Van Ek e Alexander⁶ (1980, *apud* Richards, 2006, p.16,17), para que o aluno desenvolva tal competência alguns aspectos devem ser considerados:

1. Uma reflexão tão detalhada quanto possível das **finalidades** que motivam o aluno a adquirir a língua-alvo. Por exemplo, utilizar a língua estrangeira para fins profissionais, em contextos da indústria hoteleira, ou para viagens.
2. Alguma ideia do **ambiente** em que o aluno deseja utilizar a língua-alvo. Por exemplo, em um escritório, no avião ou em uma loja.
3. O **papel**, definido a partir do ponto de vista social, que os alunos de situações acadêmicas etc. desempenharão na língua-alvo, bem como o papel de seus interlocutores. Por exemplo, um viajante, um vendedor conversando com clientes ou um aluno em um contexto acadêmico.
4. Os **eventos comunicativos** de que os alunos participarão: situações cotidianas, situações relacionadas a sua carreira ou profissão, situações acadêmicas etc. Por exemplo, fazer telefonemas, desenvolver conversas casuais ou participar de uma reunião.
5. As **funções linguísticas** envolvidas nesses eventos ou o que o aluno terá a habilidade de fazer com o idioma ou através dele. Por exemplo, apresentar pessoas, dar explicações ou descrever planos.
6. As **noções** ou conceitos envolvidos, ou sobre o que o aluno deverá ser capaz de falar. Por exemplo, lazer, finanças, história, religião etc.
7. As habilidades envolvidas em “juntar as peças” de um discurso: **habilidades discursivas ou retóricas**. Por exemplo, contar histórias ou fazer uma apresentação de negócios eficaz.

⁶ Van Ek J. and L.G. Alexander. (1980). Threshold Level English. Oxford: Pergamon. SNI In: Richards, Jack C. (2006)- O Ensino Comunicativo de Línguas Estrangeiras. [Tradução Rosana S.R. Cruz Gouveia] São Paulo: Special Book Services Livraria, PORTFOLIO SBS: reflexões sobre o ensino de idiomas 13.



8. A **variedade** ou variedades da língua-alvo que serão necessárias, como inglês americano, australiano ou britânico e os níveis da linguagem falada ou escrita que o aluno deverá atingir.
9. O **conteúdo gramatical** que será necessário.
10. O **conteúdo léxico** ou vocabulário que será necessário.

Essa nova perspectiva para o ensino de idiomas exigia mudanças não só no programa de estudo, mas também nas atividades a serem desenvolvidas em sala de aula. Era necessário um programa de estudo comunicativo. Surgem várias propostas, entre elas: 1. Um programa de estudo com enfoque nas quatro habilidades, leitura, escrita, compreensão oral e conversação. Pois se entendia que estas devem ser desenvolvidas de maneira integrada, processo semelhante ao da vida real. 2. Um programa de estudo funcional: que é organizado considerando as funções que o aluno é capaz de realizar na língua alvo. 3. Um programa de estudo nocional que se baseava no conteúdo e nas noções de que o aluno iria precisar para se expressar (RICHARDS, 2006, p.18 - 20).

Outros aspectos também foram levados em consideração, percebeu-se que alguns alunos buscavam aprender a língua por razões bastante específicas. Daí a importância de se ensinar inglês considerando as necessidades de cada um, ou seja, respeitando e atendendo as particularidades de cada aprendiz. Surgem então cursos de idiomas para fins específicos cujo objetivo era alcançar uma enorme gama de profissionais das mais diversas áreas, bem como universitários.

As atividades em sala de aula também passaram por modificações. Encenações, jogos e outras atividades comunicativas foram introduzidas no contexto de sala de aula a fim de oferecer ao aluno a experiência de comunicação e desenvolver neste a autonomia.

Na visão de Almeida Filho (2011, p.82) “a abordagem comunicativa não é uma bateria de técnicas ou um modelo de planejamento, mas sim a adoção de princípios mais amplos como foco no processo, nas maneiras específicas de como se aprende e de como se ensina outra língua.” Daí a relevância de considerar o papel do professor no processo e de observar a importância da sala de aula como um lugar especial para se aprender uma língua estrangeira.

Para Almeida Filho (2010, p.36), o ensino comunicativo é aquele que “organiza as experiências de aprender em termos de atividades/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações autênticas na interação com outros falantes-usuários dessa língua”. Inferimos, portanto, que o ensino de línguas não pode deter-se ao ensino de regras destacando apenas a aprendizagem da gramática normativa, porém, não seria



correto também excluí-las do ambiente de sala de aula, muitas vezes faz-se necessário sim explicitar algumas delas.

As mudanças propostas pela abordagem comunicativa foram revolucionárias e causaram um grande impacto no ensino de línguas. A abordagem defende que a aprendizagem do aluno deve ocorrer através da interação com o professor e demais alunos. Destacaremos algumas características dessa abordagem que julgamos como principais: 1.a contextualização é fundamental para o desenvolvimento do aprendiz e este deve ser preparado para lidar com situações da vida real; 2.o erro é visto como parte do processo; 3.as quatro habilidades são apresentadas de forma integrada; 4.a língua materna pode ser usada de forma criteriosa quando viável principalmente na fase inicial; 5.o objetivo de aprender a língua alvo é a comunicação; 6.exercícios de substituição (*drills*) são usados apenas quando for necessário a prática de tópicos gramaticais e outros itens e não como técnica central.

As características acima mencionadas claramente evidenciam que a abordagem comunicativa tem como objetivo principal a competência comunicativa e que as atividades em sala de aula devem criar meios para preparar o aluno de maneira mais eficaz e satisfazer as exigências de uma comunicação autêntica. O professor da abordagem comunicativa não tem como saber com exatidão a linguagem que será usada pelo aprendiz em sala. Este precisa estar preparado para lidar com as mais variadas situações que possam ocorrer dentro da sala de aula, ajudar e motivar o aluno para trabalhar e usar a língua.

2.1 O papel do professor e aluno

No ensino comunicativo de línguas o professor assume um papel diferente do assumido nas metodologias tradicionais, quando este tinha o controle e exercia o papel de autoridade. Nessa abordagem o professor assume o papel de facilitador, orientando as atividades a serem desenvolvidas em sala de aula e criando meios para que os alunos desenvolvam a capacidade de se comunicar na língua alvo. Para isso é necessário que este acompanhe, esclareça dúvidas e monitore a aprendizagem. Para Breen & Candlin⁷ (1980, *apud* RICHARDS & RODGERS, 2001, p.167 tradução nossa)⁸ na abordagem comunicativa,

⁷ Breen, M., and C.N.Candlin. 1980. The essentials of a communicative curriculum in language teaching. *applied Linguistics* 1(2):89 -112. SNI In: Richards, Jack C.; Rodgers, Theodore S. (2001) *Approaches and methods in Language Teaching*. Second Edition. New York: Cambridge University Press.

⁸ The teacher has got two main roles: the first role is to facilitate the communication process between all participants in the classroom, and between these participants and the various activities and texts. The second role is to act as an



O professor tem dois papéis principais: o primeiro é de facilitar a comunicação entre os participantes e o texto. O segundo papel é de agir como um participante independente dentro do grupo de ensino-aprendizagem. O papel posterior está bem relacionado com o primeiro papel e surge dele. Esses papéis implicam uma série de outros papéis secundários para o professor; primeiro, como um organizador de recursos, sendo ele mesmo um recurso; segundo, como um guia dos procedimentos e atividades dentro da sala de aula; um terceiro papel para o professor é como pesquisador e aprendiz, com muito a contribuir em termos da apropriação dos conhecimentos e habilidades, baseando-se na experiência real e observada da natureza da língua e capacidades organizacionais.

Logo, o professor comunicativo tem um papel importante: este precisa conhecer a língua e suas particularidades. Ele não é meramente um distribuidor de conhecimentos, devendo estar apto a desenvolver técnicas e atividades que envolvam os alunos e os ajudem a desenvolver tanto a precisão quanto a fluência.

Segundo Almeida Filho (2010), para ser comunicativo o professor deve propiciar experiências de aprender com conteúdo de significação e relevância para o aluno, utilizar uma nomenclatura comunicativa, compreender o papel de apoio da língua mãe incluindo erros, representar temas e conflitos do universo do aluno, oferecer condições de utilizar conteúdos relevantes, respeitar as individualidades e avaliar o desempenho do aluno em atividades e tarefas comunicativas mais do que medir conhecimento gramatical sobre a língua alvo.

É preciso criar situações para que o aluno aprenda a lidar com diferentes contextos. Este precisa lidar com situações da vida real para que possa adquirir não só a competência gramatical, mas também a competência comunicativa; o uso de material autêntico como cartas, formulários, rótulos, cardápios, cartazes, instruções, mapas, programas, receitas, bilhetes, contratos, revistas, jornais (notícias, manchetes, fotos com legendas, propagandas, anúncios, etc.), ou seja, tudo ao que um nativo é exposto diariamente é fundamental para que o aluno torne-se competente, comunicativamente falando.

Em uma sala de aula comunicativa é imprescindível que o professor fale menos e crie constantemente oportunidades para que o aluno exerça um papel ativo, o que facilitará sua aprendizagem e dará confiança para utilizar a língua-alvo. Para isso é preciso que o professor desenvolva não só atividades individuais, mas, também, em pares e em grupo, pois a interação entre

independent participant within the learning teaching group. The latter role is closely related to the objectives of the first role and arises from it. These roles imply a set of secondary roles for the teacher; first, as an organizer of resource himself, second as a guide within the classroom procedures and activities. A third role for the teacher is that of researcher and learner, with much to contribute in terms of appropriate knowledge and abilities actual and observes experience of nature of learning and organizational capacities.



os alunos ajudará a simular um ambiente bem mais próximo do real e irá criar meios para que haja a comunicação.

No ensino comunicativo o aluno exerce um papel diferente daquele exercido nos métodos tradicionais. Ele não só adquire conhecimento como também é um transmissor deste, torna-se independente, o que é fundamental para seu crescimento como aprendiz. Os seus interesses e necessidades são importantes para auxiliá-lo a desenvolver, oferecendo-lhe a oportunidade de participar do mundo real, e ir além das quatro paredes.

As atividades praticadas em sala de aula fazem com que o aluno assuma um papel de cooperador, anulando o individualismo. Ouvir o colega nas atividades em grupo e em pares faz com que ele não só aprenda, mas também consolide e pratique o que foi ensinado, desenvolvendo assim um papel de comunicador, pois é levado a interagir, tomar decisões e fazer negociações. O aluno precisa entender que ao contribuir ele adquire conhecimentos e esse é um procedimento que ocorre de maneira independente e natural.

Em alguns momentos ele é levado a interagir não só com o colega, mas também com o professor. Essa aprendizagem por meio do cooperativismo reduz o stress e facilita a comunicação, aumenta o senso de responsabilidade e faz com o aluno seja um gerenciador do seu próprio aprendizado.

2.2 Procedimentos práticos da Abordagem Comunicativa

A maleabilidade dos procedimentos metodológicos e da aplicabilidade de atividades fez com que a Abordagem Comunicativa adquirisse grande credibilidade no Ensino de Línguas.

As atividades em sala de aula adquiriram um formato bem diferenciado daquele apresentado pelos métodos tradicionais que visavam apenas a transmissão de frases e textos artificiais que não contribuíam para o desenvolvimento tão pouco para a autonomia do aprendiz. As atividades comunicativas oferecem a oportunidade de aprendizagem ao mesmo tempo em que envolvem e disponibilizam meios de transmitir e compartilhar a informação capacitando o aprendiz para interagir e obter uma aprendizagem significativa. Observou-se então a necessidade de se ter atividades com foco na fluência e precisão. Richards (2006, p.25) resume as atividades com foco na fluência como aquelas que,

- Refletem o uso natural do idioma.



- Concentram-se na efetivação da comunicação.
- Exigem o uso significativo da linguagem.
- Exigem a utilização de estratégias de comunicação.
- Produzem uma linguagem que talvez não seja previsível.
- Buscam interligar o uso da linguagem ao contexto.

Enquanto as atividades cujo foco é a precisão,

- Refletem o uso da linguagem que ocorre em sala de aula.
- Concentram-se na formação de exemplos linguísticos corretos.
- Praticam a linguagem fora do contexto.
- Não exigem que a comunicação seja significativa.
- A escolha da linguagem é controlada.

Portanto, é necessário haver um balanceamento no uso de atividades com foco na fluência e precisão. Já que nas atividades de fluência os alunos terão uma liberdade maior para usar a língua, a linguagem usada nesse tipo de atividade é totalmente improvisada e os alunos tem a oportunidade de trabalhar em grupo e também o próprio professor participar. Um ótimo exemplo de atividade de fluência seria uma encenação em uma loja, restaurante, aeroporto, entre outras situações da vida real, uma vez que nesse tipo de atividade o aprendiz teria total liberdade no uso do vocabulário que conduzirá a conversa. Já as atividades com foco na fluência, que também são desenvolvidas em grupos ou pares, visam a prática da entonação correta, o uso correto das estruturas gramaticais apresentadas na aula e o professor monitora fazendo as correções necessárias.

Esse tipo de atividade permite que o aluno exercite o que foi aprendido e também auxilie o colega sempre que necessário. Ele atua como aprendiz e monitor, prática que auxilia o desenvolvimento da autonomia.

As atividades de substituição (*drills*) também são usadas em sala de aula sempre que o professor julgar necessário uma prática mais significativa de uma estrutura gramatical, vocabulário, ou expressões. *Drills* ajudam o aluno a desenvolver rapidamente e adquirir confiança ao utilizar uma estrutura nova que foi ensinada. Entre os mais variados tipos de *drills* destacamos — *repetition drills, substitution drills, and transformation drills*. Para Spratt (1991) os *drills* podem ser mecânicos - *mechanical* ou significativos – *meaningful*. *Mechanical drills* são controlados pelo



professor enquanto os *meaningful drills* são controlados pelo professor, mas envolvem mais o aprendiz e são mais motivadores. Tudo vai depender da maneira como o professor desenvolve a atividade.

Para tornar o exercício mais atraente, o professor pode usar gravuras, objetos, ou ainda jogar uma bola para o aluno ao invés de simplesmente apontar ou fazer o *choral repetition*. A maneira de como e quanto utilizar *drills* tem mudado consideravelmente ao longo dos anos. Isso se deve à preocupação em propiciar ao aluno um material mais significativo e oferecê-lo a oportunidade de praticar e viver situações mais próximas da realidade, tendo assim uma comunicação real.

Com essas mudanças de paradigma do ensino da língua estrangeira, as atividades adquiriram um novo formato e buscaram oferecer ao aluno não só a oportunidade de praticar através de exercícios escritos com preenchimentos de lacunas, mas também através da atuação em pares e pequenos grupos com expressão de opiniões. Para Richards (2006), as atividades em pares e em grupos não só proporcionam a oportunidade de aprender com o colega como também de praticar e desenvolver a fluência, aumentando a capacidade de produção oral e motivando o aprendiz.

As atividades lúdicas também foram inseridas no contexto de sala de aula e o uso de material autêntico foi amplamente incentivado. Na concepção de Richards (2006, p.39) os materiais autênticos: 1. Oferecem informações culturais sobre a língua-alvo; 2. Oferecem exposição à linguagem real; 3. Têm uma correlação íntima com a necessidade dos alunos; 4. Servem de apoio a uma abordagem mais criativa para o ensino.

Com a proposta da abordagem comunicativa, não só as atividades sofreram modificações como também o material usado. Os livros passaram por modificações aproximando-se mais da realidade do aluno, relacionando os conteúdos ao interesse destes, e a dinâmica de sala de aula trouxe o mundo real para dentro desta. O elemento surpresa é um componente frequente em uma aula comunicativa, pois o aprendiz nunca sabe o que vai acontecer, há sempre algo diferente a fim de motivá-los e consolidar o que foi ensinado.

Não restam dúvidas de que a Abordagem Comunicativa tem assumido um papel importante no ensino de línguas ao longo dos anos. As mudanças propostas por essa abordagem e sua eficácia são fatores responsáveis por sua vasta aplicabilidade e aceitação. Na visão de Richards (2006, p.41), “o ensino comunicativo de línguas hoje se refere a um conjunto normalmente acordado de princípios que podem ser aplicados de formas diferentes, dependendo do contexto de ensino, da idade dos alunos, seu nível, suas metas de aprendizado e assim por diante.” É certo que muitas das atividades do ensino comunicativo se baseiam em algumas práticas dos métodos tradicionais,



porém, essa flexibilidade em adequar-se as mudanças e descobertas que surgem no ensino da língua estrangeira e a preocupação em atender as necessidades do aprendiz são alguns dos fatores que marcaram e marcam toda a trajetória do ECLE no ensino de línguas.

Jacobs e Farrell⁹ (2003, *apud* RICHARDS, 2006, p.45) “vêm a mudança na direção do ECLE como marco de uma substituição de paradigma em nossa forma de pensar sobre os professores, o aprendizado e o ensino”.

O ensino de idiomas hoje busca o desenvolvimento do aprendiz e tem a preocupação em desenvolver um programa de estudo que prime não só pelo ensino da gramática, mas sim por todos os aspectos linguísticos, um programa que envolva todos os componentes necessários para que a competência comunicativa seja alcançada.

CONCLUSÃO

O progresso do ensino de língua estrangeira é inegável e cremos que este não está passivo a mudanças, inúmeras transformações poderão e irão ocorrer ao longo dos anos. Principalmente se observarmos os constantes avanços da nossa sociedade no mercado de trabalho, com a internet e os mais variados recursos midiáticos.

Esses fatores trazem um novo perfil de aluno e professor. O aluno precisa cada vez mais falar a língua estrangeira, e suas necessidades de expansão de conhecimento e capacidade de domínio deste idioma crescem rapidamente. Consequentemente, o professor de línguas de hoje precisa acompanhar essas mudanças, não pode mais agir como mero transmissor de conteúdo, este deve atuar como facilitador do conhecimento. É preciso fazer um estudo crítico reflexivo das suas práticas em sala de aula, ter o domínio das novas ferramentas e recursos que a nova sociedade exige, para isso, é fundamental conhecer os métodos e abordagens do ensino de línguas. Assim sua abordagem estará fundamentada em princípios metodológicos sólidos e poderá proporcionar aos seus alunos uma melhor condição de aprendizagem.

Porém, isso só será possível se este deixar de lado as metodologias tradicionais e esquecer o ensino voltado apenas à gramática e leitura. Muita coisa está envolvida ao se aprender uma língua. É preciso vivencia-la, comunicar-se com outras pessoas para que isso aconteça é necessário que o indivíduo adeque seu mundo às necessidades existentes para assim desenvolver suas habilidades.

⁹ Jacobs, George and Tom Farrell.(2003) Understanding and implementing the CLT paradigm. RELC Journal,41(1), 5-30. SNI In: Richards, Jack C.; Rodgers, Theodore S. (2001) Approaches and methods in Language Teaching. Second Edition. New York: Cambridge University Press.



Este estudo acerca da abordagem comunicativa é de total relevância por acreditarmos que este auxiliará o professor a repensar suas práticas educacionais. Bem como deixa claro a eficácia dessa abordagem na aquisição do idioma estrangeiro e os benefícios da utilização desta. Uma vez que deixa de lado o ensino focado na figura docente e prioriza o aprendizado centrado no aprendiz, oferecendo a este a possibilidade de desenvolver a competência comunicativa que está voltada à competência sociolinguística, gramatical, discursiva e estratégica, o que é exigido no contexto atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. (2010) **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes.

_____. (2011) **Linguística Aplicada-Ensino de Línguas & Comunicação**. Campinas, SP: Pontes Editores e ArteLíngua, 2ª edição.

PIRES, Edvalda A.(1997).**Texto: A gramática no ensino de língua estrangeira: de Sweet à abordagem comunicativa**. In: Celani, Maria Antonieta Alba; Lopes, Amalia de Melo, et al. (org) **Ensino de segunda língua: redescobrimo as origens**. São Paulo: EDUC. 168p.

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore S. (2001) **Approaches and methods in Language Teaching**. Second Edition. New York: Cambridge University Press.

RICHARDS, Jack C. (2006) **O Ensino Comunicativo de Línguas Estrangeiras**. [Tradução Rosana S.R. Cruz Gouveia] São Paulo: Special Book Services Livraria, PORTFOLIO SBS: reflexões sobre o ensino de idiomas 13.

SPRATT, M. (1991) **“The Practice Stage, Discourse Chains.” In At the Chalkface: Practical Techniques in Language Teaching**, eds. A. Matthews, M. Spratt, and L. Dangerfield. Walton-on-Thames, UK: Thomas Nelson.